

Francis atravessou a praça central, mexendo as idéias de um lado para o outro e concluindo que o sapateiro tinha razão. Um dos motivos que impede o crescimento da cidade, talvez o maior deles, é o medo que domina o povo daquela quase vila. Medo da concorrência externa, medo de quem sabe fazer. Como no país inteiro, há uma casta dominante, constituída pela minoria e uma massa de oprimidos. Os comerciantes, os profissionais liberais como os médicos e dentistas, estes em quantidade surpreendentemente enorme, lutam para não perder espaço junto à clientela pequena, pobre e mal alfabetizada.

Ao surgir um forasteiro, a notícia se espalha em minutos e as perguntas e conjeturas sobre “o que está fazendo aqui este estranho?” são habituais. Querem saber de onde vem, o que faz, com quem tem conversado e, principalmente, o que pretende fazer em Pilares. Assim foi, quando Francis chegou. Ao caminhar pela Coronel Camisão, a segunda rua mais importante, paralela e adjacente à XV de Novembro, a rua do comércio forte, percebeu que o observavam como se fosse uma raridade. Os olhares tentavam ser discretos. É bem verdade que veio de terno e gravata, roupa pouco usada pelos homens da cidade. Por certo, não foi apenas isso que atraiu os olhares curiosos. Queriam saber tudo daquele estranho.

O uso da gravata não é comum em Pilares, entretanto em dois dias do mês, treze dos quinze representantes populares que compõem a Câmara Municipal são obrigados a usá-la, por força de lei. As duas representantes mulheres estão liberadas. Tal lei foi motivo de chacotas nos primeiros meses de vigência. Como ela é determinante quanto ao uso de gravata e nada menciona sobre as demais peças de roupa, masculinas ou femininas, o vereador Beto, homem revoltado com o mundo, bem falante e auto-denominado anarquista, não admite que lhe tirem a liberdade de se vestir como quiser, mesmo que seja apenas por poucas horas em dois dias, na segunda e na última quinta-feira de cada mês.

Numa noite quente - as sessões legislativas são realizadas sempre às oito da noite - Beto cumpriu fielmente as determinações da nova lei, aprovada na sessão anterior por quatorze votos a favor e um contra. O vo-

to contrário foi do Vereador Beto, evidentemente. Embora cumprindo com rigor os dispositivos legais, provocou a ira do presidente que, após a enfadonha abertura, estendida por longos trinta e cinco minutos com a leitura da última ata, assim se manifestou:

- Iniciando os trabalhos, propriamente ditos, desta honrada Casa de Leis, lamentamos que o nobre colega Vereador Alberto Belum esteja inconvenientemente vestido.

- Peço a palavra, senhor presidente - falou Beto de imediato com ar de vitória e sorriso zombeteiro nos lábios, encimados por ralo bigode.

- Antes de lhe conceder a palavra - advertiu o presidente - quero lhe dizer com a concordância dos demais presentes - e passou os pequenos olhos da esquerda para a direita como a pedir a aprovação individual de cada vereador - que as sessões desta respeitável casa não podem ser frequentadas por alguém trajado da forma como está o nobre colega.

- Eu proponho que o nobre colega Vereador Beto seja convidado a se retirar da sessão e retorne vestido de acordo com os preceitos legais dispostos na Lei nº 13/96 que disciplina o comportamento dos edis em sessões desta Câmara Municipal - atalhou o Vereador Sérgio Malfento, um ferrenho adversário de Beto.

- Peço a palavra senhor presidente - insistiu Beto, sem ser atendido.

Outros vereadores se manifestaram, com a concordância complacente e parcial do coordenador da sessão que ignorava os pedidos de Beto. Decorridos cerca de vinte minutos, inutilmente consumidos num debate tão acalorado quanto vazio, depois de Sérgio Malfento chamar ao Vereador Beto de “nobre e moleque colega”, este levantou-se bruscamente.

- Eu quero a palavra - exigiu com veemência em alto tom de voz, quase gritando, dirigindo fulminante olhar ao presidente.

Quando Beto se levantou, ficou visível a todos que ele usa gravata vermelha, corretamente amarrada ao pescoço sobre impecável camisa branca de colarinho engomado, exatamente de acordo com as determinações legais por eles votadas na reunião anterior. No entanto, o descontentamento do presidente tem razão de ser, embora Beto esteja cumprindo a lei que determina, tão somente, o uso de gravata e camisa de colarinho engomado, nada se referindo ao uso de terno, casaco, calças ou seja o que for. Beto usa sobre a camisa uma jaqueta de couro surrada e brilhante, que parece ter viajado nas costas de um motoqueiro durante semanas. Veste uma ridícula bermuda jeans desbotada e justíssima, ressaltando as formas masculinas que obrigam as duas vereadoras a baixarem o olhar para não verem tamanha indecência. Beto compõe inquestionavelmente um quadro grotesco, embora seja homem de corpo atlético.

O presidente finalmente lhe concedeu o direito de defesa.

- Antes de tudo quero deixar claro que concordo inteiramente com o Vereador Sérgio Malfento que se auto define como moleque, já que me chama de “nobre e moleque colega”. Quanto ao meu trajar, senhor presidente, nada tenho a declarar exceto citar os dois artigos da Lei Municipal nº 13/96 que trata deste assunto: “Art. 1º - Os membros desta casa ficam obrigados ao uso de gravata e camisa de colarinho branco, nas sessões ordinárias; Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.” Pergunto ainda, onde estão as gravatas das nobres vereadoras aqui presentes, já que elas não foram excluídas da obrigatoriedade legal? Muito obrigado! - e sentou-se com o mesmo sorriso zombeteiro que ostentava no início das discussões.

A sessão ficou inteiramente tumultuada, agora, com as duas vereadoras chamando de “moleque irreverente” ao “despudorado” colega “quase nu”. O presidente suspendeu os trabalhos por quinze minutos.

Não há dúvidas, cada povo tem o governo que merece, pensou Francis ao se defrontar com o prédio do Governo Municipal, composto pelo executivo governando no andar térreo e o legislativo no piso de cima. É como tantas padarias da cidade, instaladas em um sobrado onde no térreo está o comércio de pães e doces e no piso de cima a residência do padeiro. Tudo junto e convenientemente montado.

Entrou na Prefeitura e disse à recepcionista que precisava conversar com o prefeito. Francis vai pedir a ele que pague a fatura vencida, pois seus impostos estão vencendo também. Como é fim de mês, precisa fazer caixa para pagar os funcionários. Embora a lei trabalhista lhe faculte pagar salários até o quinto dia útil de cada mês, fez acerto com seu pessoal e dia três é o dia de pagamento. Cumpre rigorosamente o acordo, como faz habitualmente ao empenhar a palavra. Francis tem por princípio manter de pé e cumprir todos os compromissos que assume, verbalmente ou documentados. Por ser honesto, é chamado pela mulher de Joãozinho do Passo Certo. Se for preciso, para cumprir com o prazo do dia três, chega a discutir com o prefeito na busca de recursos, mas não atrasa as contas.

Informado de que o prefeito não está e já vai chegar, sentou-se junto as outras pessoas que, como ele, devem esperar por alguma coisa do Município.

Na falta do que fazer, durante aquela espera aborrecida, passou a observar o ambiente.

As fotos emolduradas dos ex-prefeitos foram retiradas do corredor interno. Penduradas no primeiro salão de atendimento ao público, pare-

cem fiscalizar os seis funcionários e bisbilhotar a vida dos que ali estão.

Francis, depois da conversa entremeada de revolta com o sapateiro, está sentado num banco de madeira, de frente para as fotos há mais de hora, com a sensação de que algo fúnebre existe naquele ambiente.

Os homens carrancudos e a pose forçada de seriedade das fotos transmitem um clima mórbido. Deteve-se a examinar a mais recente, a do atual prefeito. À direita dela foi cravado na parede um gancho, ainda vago, a espera da foto do antecessor. Alguns lutam renhidamente em campanhas políticas e durante o mandato para pendurar na parede a foto engrandecedora dos seus atos. Outros não querem e não admitem que sua imagem seja exposta a público de forma permanente. Teriam vergonha do que fizeram, ou deixaram de fazer, nos quatro anos de mandato? À esquerda, outro gancho espera que pendurem a foto do eleito há poucos dias, decorridos os quatro anos de mandato.

Francis analisa os atos finais do atual prefeito e conclui que ele foi mais do que um homem simples, incapaz da roubalheira da qual lhe acusam. Foi, na verdade, um simplório. Jamais teve postura suficientemente digna de um Chefe do Executivo. É capaz de sentar-se no chão do gabinete enquanto conversa com um visitante, querendo demonstrar boa acolhida e simpatia. É simples em excesso e incompetente para o roubo, o que de forma inversa lhe confere o grau de homem honesto. Pena que a cidade não o vê assim. É tido como corrupto e incompetente. Porém, de injustiças e incompreensões, os municípios estão cheios e Pilares não é um oásis. Em breve, o atual prefeito deixará a cadeira do Executivo Municipal com o carimbo de ladrão. Na última campanha de outubro, Francis viu quão sórdida é a política e como são pequenos os homens que dela se valem para benefício próprio. Não importa se denigrem um nome digno. Vale o voto!

A recepcionista interrompe as divagações do engenheiro.

- Senhor Francis.

- Sim - respondeu ele, como se estivesse acordando de um sono profundo.

- O Prefeito ligou e mandou informar que hoje não pode atender o senhor. Dentro de meia hora ele chega com o Deputado e não vai receber mais ninguém.

- Ah! O Deputado! - retrucou Francis, levantando-se com ares de contrariedade. - Eu volto amanhã, pode ser?

- Está bem, engenheiro Francis, eu informo ao prefeito que o senhor volta amanhã.

Permanecia de pé e se preparava para sair quando, de súbito, a seu lado uma voz ríspida, autoritária e de maus humores, abordou a recepcio-

nista.

- O Pécio Luís está? - indagou a voz.

- Está sim, delegado. Já vou anunciar o senhor - disse ela um tanto aturdida com a entrada do delegado Prates, não esperado naquela hora. - Melhor o senhor entrar logo, doutor. O Pécio está sozinho. O senhor entre, por favor!

Francis foi embora sem conversar com o prefeito, sem dinheiro e se perguntando o porquê de tanta truculência do delegado.